

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL E ARQUITECTURA

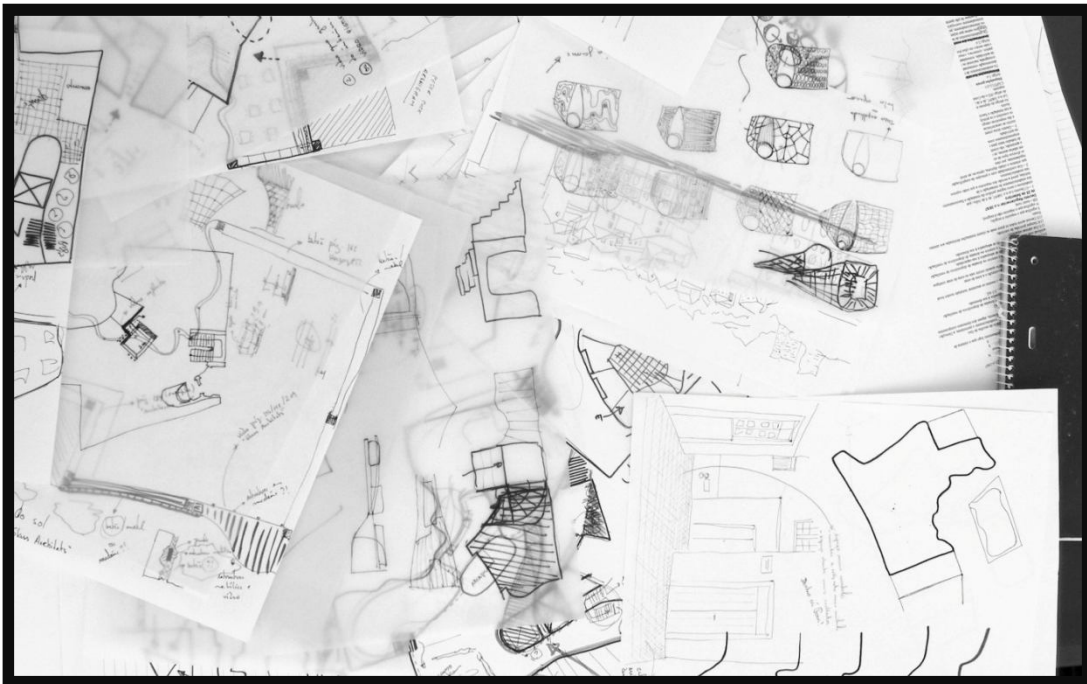
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA – 2008/09

TEMA – **SIMBIOSE NA ARQUITECTURA: PASSADO/FUTURO**

Intervenção na Zona Histórica de Coimbra

Questões técnicas na Arquitectura

MEMÓRIA DESCRITIVA E EXPLICATIVA



ALUNA: Maria Betânia Amaral Abreu Monteiro nº 17494

ORIENTADOR: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

CO-OREINTADOR: Prof. Doutor Miguel Costa Nepomuceno

Índice

1. INTRODUÇÃO
2. ENQUADRAMENTO GERAL – Morfologia Urbana e Morfologia Parcelar
 - 2.1. Morfologia Urbana Actual da Cidade de Coimbra
3. LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO DE INTERVENÇÃO
 - 3.1. Zona de Intervenção: Coimbra / Portugal
 - 3.2. Evolução do Largo da Portagem
 - 3.3. Desenvolvimento do Metro de Coimbra - Regeneração Urbana
4. METODOLOGIA DO TRABALHO
5. CONCEITO
6. PROGRAMA E FUNCIONALIDADE
7. ASPECTOS FORMAIS E ESTÉTICOS
8. QUESTÕES TÉCNICAS E CONSTRUTIVAS
9. ANEXOS – Esquissos do projecto

1.INTRODUÇÃO

O trabalho surge de uma investigação e análise do existente, resultantes de uma pesquisa e desenvolvimento multidisciplinar, onde cenários de diferentes áreas de estudo são cruzados e discutidos, enriquecendo o processo e a proposta.

O documento estratégico é, então, dividido em dois capítulos:

O primeiro capítulo está ligado à caracterização da envolvente da unidade de intervenção. Para aproximação à área de estudo parte-se de uma área mais abrangente, para o seu enquadramento. Posteriormente, a uma escala mais próxima, feita a caracterização da situação existente na “unidade” de intervenção.

O segundo capítulo, a intervenção, estabelece as principais características da solução proposta e desenhos de apoio à compreensão do projecto e seu ponto de partida.



Figura 1, Vista sobre a cidade de Coimbra. Fotografia de V. Oliveira.

Fonte: <http://www.agenda.pt>

2.ENQUADRAMENTO GERAL – Morfologia Urbana e Morfologia Parcelar



Figura 2, Planta topográfica da Cidade de Coimbra, 1932/34, de José Baptista Lopes

Fonte: www.skyscrapercity.com

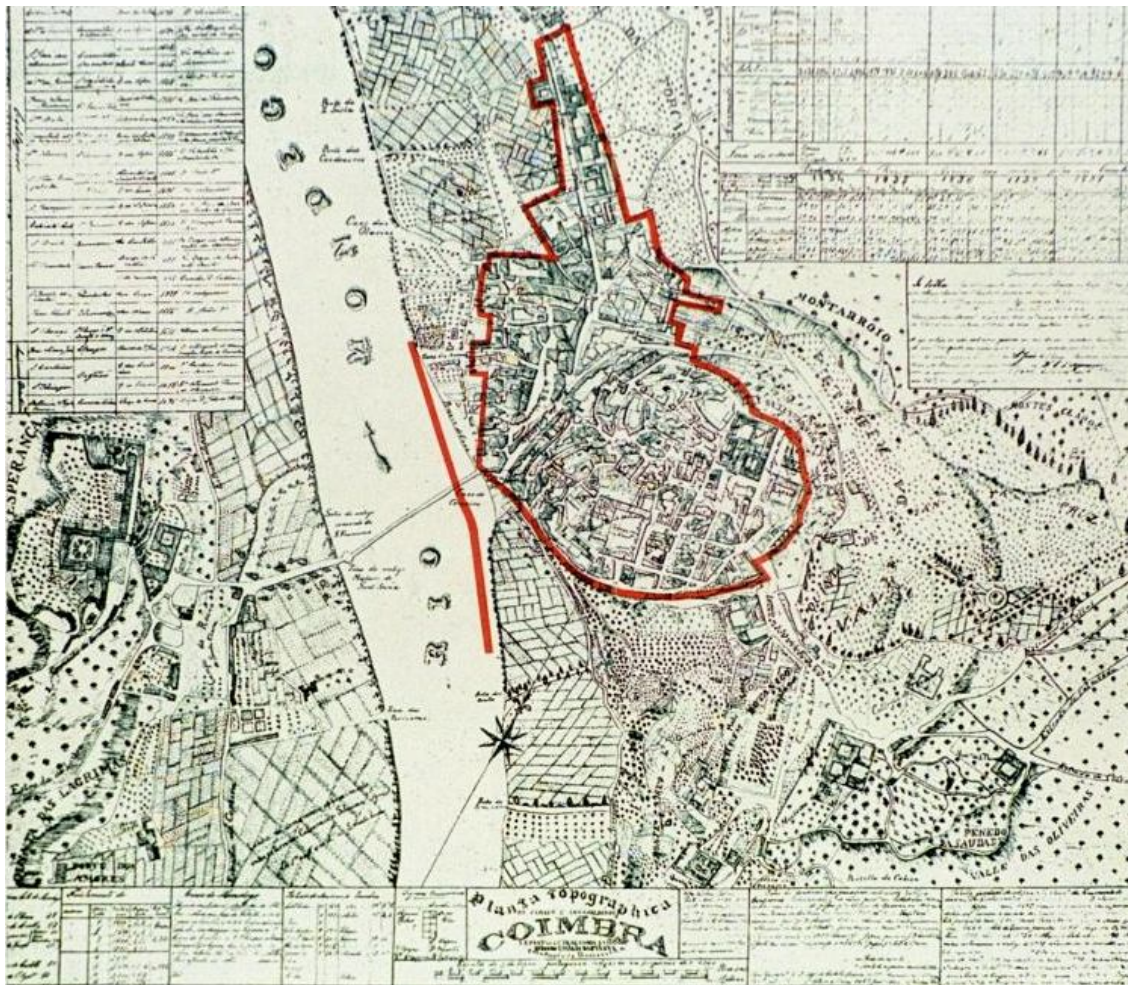


Figura 3, Plano da época do pré-urbanismo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Planta de Emílio

da Expectação Baptista – 1845

Fonte: www.skyscrapercity.com

Coimbra é distinguida de duas maneiras, a alta e a baixa de Coimbra, num todo que vai desde a Universidade ao rio Mondego, alargando-se depois para o lado do rio, onde se encontra como referência o Portugal dos Pequeninos, a área designada por S^{ta} Clara e, mais próximo do rio, o Parque Verde; ainda o Estádio Universitário, destinados estes dois últimos a actividades criativas e desportivas respectivamente. Mais recentemente têm-se também alargado áreas significativas, junto aos grandes centros comerciais como o Fórum e o DolceVita e outras áreas abrangentes e igualmente importantes; mas tendo em conta outras perspectivas que não as que se pretende aqui realçar com o intuito de se perceber o princípio da ideia base do projecto de intervenção.

Destacando o contexto histórico, arquitectónico e sociocultural de Coimbra, assim como a evolução toponímica, apercebemo-nos facilmente das vivências e tradições populares e académicas características da Alta Coimbra.

A Baixa é, sem dúvida, um dos mais relevantes sectores urbanos de Coimbra, onde se encontra parte significativa da memória histórica da cidade.

A intervenção que é objecto enquadra-se nas linhas gerais e objectivos da estratégia global de intervenção na baixa da cidade, designadamente pela revitalização das funções e actividades instaladas, e pela procura de novas propostas do edificado, dos espaços públicos, das infra-estruturas e da rede de equipamentos existentes, tendo em vista a vivificação da malha urbana e a melhoria da qualidade de vida dos utentes. Assim, o projecto procura preencher um vazio cultural, de lazer e uma certa falta de dinamismo social, que se tem vindo a verificar na baixa de Coimbra, após o desenvolvimento dos grandes estabelecimentos comerciais, que para aí atraiu um número significativo da população que frequentava os diversos serviços, localizados na baixa de Coimbra, levando mesmo a que muitos deles perdessem a sua vitalidade, chegando alguns deles a encerrar. Para além desta perda de dinamismo do comércio tradicional, outros aspectos negativos identificados prendem-se com a degradação dos edifícios, a insegurança, a ausência de limpeza, a mendicidade, a desertificação, problemas sociais, a ausência de estacionamento, que têm reflexos negativos na atractividade dos consumidores potenciais. Muito embora, no que se refere aos residentes em geral na Baixa, destaca-se que a maioria considera que se trata de uma zona “que é agradável ou suficientemente agradável para se viver”, “com encanto e bonita” e “onde se gosta de passear e estar com as pessoas”. Este facto é tido em conta e a sua preservação é defendida, uma vez que o edifício em causa assim o permite.

Relativamente à estrutura etária da população residente, conclui-se que mais de metade da população apresenta idade superior a 44 anos e desta, cerca de metade já tem mais de 64 anos, grupo etário este que representa acima de $\frac{1}{4}$ da população residente. Destaca-se também o facto de o segmento etário jovem, representar apenas 25% da população residente. Estes números (que representam apenas uma

parte da população residente na unidade de intervenção), confirmam as tendências de envelhecimento demográfico desta zona, associado a uma atractividade muito fraca de novos residentes que constituem a classe estudantil da típica cidade dos estudantes.

Numa análise da cidade identificaram-se diversos pontos ou espaços de atracção social, quer sejam espaços urbanos consolidados como a Praça da República e a Cidade Universitária; ou novos espaços como o centro de canoagem, zonas de restauração e divertimento nocturno, espaços museológicos integradas no Parque Verde, construído ao abrigo do Programa Polis. Outro espaço de referência nesta análise está relacionado com a requalificação do espaço que agora corresponde ao Estádio Municipal de Coimbra, que tem agregados espaços com vários equipamentos desportivos, uma grande área comercial e zonas de restauração, que pela sua localização, numa zona urbana consolidada, é um bom exemplo de revitalização urbana e de forte atracção nacional e turística.

Sendo o núcleo da baixa ocupado sobretudo por funções de alojamento, comércio e serviços, e embora continue a imprimir características morfológicas muito próprias, deve continuar a transmitir essa forte ebulição social.



Figura 4, Serenata, Coimbra.

Fonte: longtakk.blogspot.pt

Verifica-se por outro lado, que tem também grandes potencialidades culturais, que poderão fortalecer o desenvolvimento desta área, que tem vindo a ser alvo de várias intervenções de requalificação e reabilitação do património arquitectónico com o objectivo de manter a identidade do local ou da construção de novo edificado.

A cidade contém, sem dúvida, uma malha histórica marcada por valores significantes distintivos, é reconhecida como incontornável a prevalência de uma leitura de contextualização das propostas e sobretudo, a necessidade da sua integração com uma série de factores de contemporaneidade também imprescindíveis, alguns dos quais, de resto, inerente à própria inserção da plataforma do metro, que vem dinamizar a cidade, com melhorias de mobilidade, estando uma das suas linhas localizada junto ao local de intervenção.

O que se pretende, com todas estas iniciativas urbanas, é, precisamente, quebrar com uma acentuada sedimentação existente, como já foi referido, na baixa de Coimbra.

No entanto, para além da intervenção, defende-se a recuperação do edificado e do tecido urbano que marcou outrora a cidade e que trouxe, até muitos de nós, a imagem que, conhecemos hoje e que a distingue de outras cidades. Nesse sentido é relevante desenvolver o reconhecido trabalho de recuperação principalmente da Alta de Coimbra, onde naturalmente, o povoamento assentou as suas características origens, talvez pré-romanas, num morro calcário desde cedo fortificado, para a resistência luso-romana às invasões Bárbaras.¹ Por sua vez, o desenvolvimento de novas perspectivas é fortemente importante na procura de uma integração no ambiente histórico construído através de uma linguagem contemporânea integradora de duas realidades.

Dois tempos que se podem misturar harmoniosamente melhorando as zonas mais destruídas da cidade e desenvolvendo ou incentivando outras arquitecturas que podem abrir novos caminhos e novas perspectivas complementares.

A sua génese é indeterminada, no entanto é seguro precisar a existência de módulos morfogenético do século XII e a generalidade das suas ruas são atestadas apenas a partir do século XIII.²

Paulatinamente, a malha urbana da baixa foi-se estruturando, com uma morfologia genericamente orgânica³ nas proximidades das igrejas paroquiais e mais ordenada em frente ao Mosteiro de S^{ta}. Cruz, de onde irradiam as ruas da Moeda e da Loiça.

A Quinhentistas, rectilínea e desafogada, Rua da Sofia viria completar a estrutura geral em “leque”, notória na Praça 8 de Maio e virado ao cais da margem do Mondego, então eventualmente mais próxima e irregular. Cedo a cidade se recentraria funcionalmente na baixa, com a azáfama de artesãos e comerciantes, aprofundada e diversificada com a localização dos conventos das ordens mendicantes na periferia próxima e, depois com os colégios da Rua da Sofia, função a que ficou limitada após instalação da Universidade.

Apesar de tudo, chegado o século XIX, Coimbra mantinha-se uma cidade pequena, como afirmou A. Fernandes MARTINS (1983, 1^a edição 1951).

O rio Mondego é o maior rio inteiramente português. Nasce na serra da Estrela e vai desaguar no Oceano Atlântico, junto à Figueira da Foz.

Apesar das cheias permanentes, o Mondego foi durante muito tempo um elemento de ligação, e única via de comunicação, do litoral para o interior das Beiras.

Nos alvares da Nacionalidade, Coimbra, Montemor e Soure, eram portos interiores, onde com facilidade chegavam barcos mercantis de alto mar.

Com o assoreamento progressivo do rio foram-se reduzindo as possibilidades de navegação, exigindo barcos de pequeno porte: “as Barcas Serranas”, para cargas maiores e “Batejas” ou “Barcos do Lavrador” mais móveis e utilitários.

As “Barcas Serranas” traziam sal e peixe desde a Figueira da Foz, à foz do Dão e traziam pão e vinho entre a Raiva Penacova e Coimbra.

Nos nossos dias as barcas foram substituídas por outros meios de transporte mais rápidos e eficientes, e o Mondego tornou-se um local de lazer e desporto.

O nome de Basófilas, atribuído ao rio, provem de uma história que nem todos conhecerão. O Mondego era um rio que durante o Inverno, com as chuvas, enchia muito e levava tudo na sua enxurrada: arrozais, laranjais, enfim, tudo. No Verão, secava imenso, e ficava reduzido a um ribeirão que se atravessava a pé. Daí passar a ser chamado por Basófilas.

Actualmente, é mais um ponto lúdico e desportivo que se pretende alargar ou interligar ao edifício de intervenção, sublinhando a atenção virada à sua atractividade da população residente em Coimbra e exterior. Reflecte-se uma imagem dinâmica, serena e leve. Tem trazido, aos poucos, benefícios novamente verificáveis para o centro da Cidade e respectivas actividades comerciais e turísticas, para além de trazer ainda novos usos e novos cuidados ao Rio, extraindo assim o que dele se tem de melhor. Para além obviamente, entre outras, do conforto térmico que nos oferece dentro da Cidade.

¹ Martins, A. Fernandes. 1ª Edição 1951, 1984.

² Alarcão, Jorge, 1999.

³ Rossa, Walter, 2005.

Os quarteirões de matriz tradicional que caracterizam todo este sector da cidade apresentam dimensões e geometrias diversificadas. Na zona de intervenção em estudo o traçado apresenta um notável alinhamento ao nível das ruas que acabam por ser definidas pela edificação existente e irregularidade ao nível das cerceas. A zona de intervenção é fundamentalmente constituída pelo Hotel Astória, o Largo da Portagem, pelo rio Mondego, e pela habitação tradicional e respectivo comércio, que, ao se distribuir pelo piso térreo permite um maior contacto entre as pessoas. As ruas contíguas ao edifício dão acesso à zona central da baixa da cidade. As morfologias parcelares da envolvente apresentam uma acentuada horizontalidade que contrasta com a verticalidade das edificações pertencentes ao quarteirão. São assim reconhecidos na baixa padrões morfológicos de grande coerência significativa, com os quais vai começar a surgir ou interferir pela positiva no traçado estratégico da cidade.

Embora o edifício de intervenção que ocupa uma área de 295.31m², esteja inserido num conjunto urbano com valor no seu todo, autonomamente o edifício não apresenta um valor arquitectónico relevante, para além da sua inadequação formal ao programa que se pretende desenvolver. É de salientar também que se manteve e até se aproveitou o elemento mais marcante da área de intervenção, que são as estreitas vias pertencentes à malha urbana antiga da cidade, constituídas por frentes edificadas de três pisos (em média) separados entre si por uma distância que (também em média) se aproxima dos 2/3 metros. Embora esta situação seja geradora de problemas de iluminação natural e salubridade das edificações, é simultaneamente o factor que confere uma identidade única ao local, com uma escala ajustada ao pequeno comércio de bairro e restauração, com uma frente edificada rica em elementos de interacção com o exterior – toldos, montras, painéis de publicidade, expositores de roupa ou fruta e outros elementos dissonantes. Pretende-se criar uma relação entre este conjunto urbano com os novos espaços e novas referências arquitectónicas manifestando a actualidade, no entanto sem quebrar pela negativa a imagem “típica” da cidade. Para além disto apresentam uma riqueza no desenho das fachadas e um interessante jogo de volumes, principalmente no Largo da Portagem. O edificado adjacente ao edifício de intervenção é, na maioria, constituído por alvenaria de pedra em fachadas e empenos laterais (envolvente opaca), dando apoio a pavimentos tradicionais. Apenas a

avenida Emídio Navarro onde se encontra o Hotel Astória e alguns edifícios do Largo da Portagem são em alvenaria de tijolo e rebocados e pintados na generalidade em tons de azul, rosa, amarelo e branco. As coberturas são inclinadas e de várias águas, consoante a geometria dos lotes. As caixilharias são normalmente de madeira, do tipo batente ou guilhotina e os vidros são simples.

Nota-se que na maioria dos edifícios há uma presença muito expressiva de cabos e fios de telefone e de electricidade, existindo também antenas de televisão em algumas coberturas.

Constata-se que os edifícios abrangidos pelas ruelas laterais ao projecto estão de uma forma generalizada bastante degradados, incluindo as respectivas instalações. No que respeita aos estados de conservação do edificado e das respectivas instalações, estas são essencialmente resultado do envelhecimento natural dos materiais, inexistência ou deficiente manutenção e eventuais usos inadequados por parte dos utentes.

2.1 Morfologia Urbana Actual da Cidade de Coimbra



Figuras 5, 6 e 7, Vista aérea da Alta e da Baixa de Coimbra. Fonte: //crash_tecnologico.blogs.sapo.pt.

3. LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO DE INTERVENÇÃO

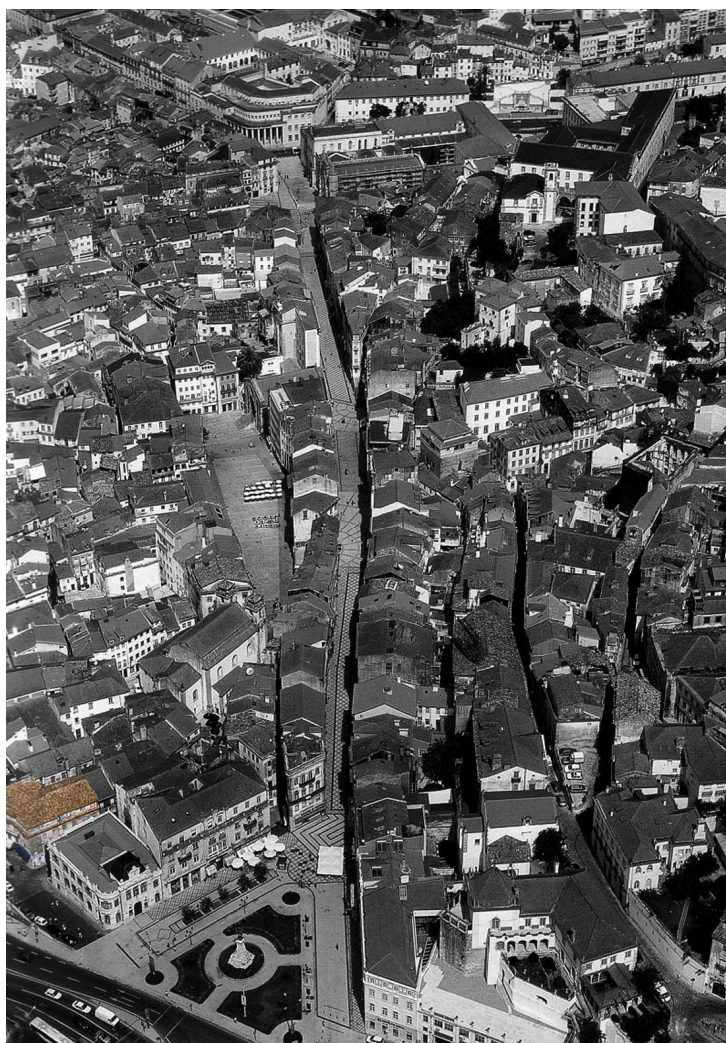


Figura 8, Vista aérea da Baixa de Coimbra e Zona de Intervenção

Fonte: //crash_tecnologico.blogs.sapo.pt.

Refere-se a presente memória descritiva e justificativa à fase de projecto de arquitectura, para o desenvolvimento de um museu, numa área abrangida pela designada - zona histórica de Coimbra.

A área de intervenção encontra-se entre dois pontos fundamentais no funcionamento da baixa de Coimbra: a estação Coimbra A e o Largo da Portagem, junto ao Hotel Astória e com vista sobre o Rio Mondego e respectivas margens, e ainda, sobre o extenso Parque Verde até à Ponte viária Rainha Santa.

O edifício é actualmente a pensão Atlântico com restaurante e um espaço comercial ligado à pesca no r/c e, os restantes três pisos fazem já parte da pensão. Encontra-se a Noroeste da Agência do Banco de Portugal e a Oeste do Hotel Astória e é definido por três ruas: Rua da Sota, Rua do Sargento Mor e o beco do forno que dá acesso à Rua dos Esteireiros.

Esta área apresenta um perfil significativamente residencial e comercial, considerando que cerca de 50% dos edifícios são exclusiva ou parcialmente residenciais.

O projecto para além de abranger a pensão vai ocupar a área de mais dois edifícios de habitação. No que se refere aos aspectos sócio-demográficos, estas duas construções, assim como muitas outras do centro de Coimbra, têm sido palco de um progressivo e lento abandono populacional, mas, no entanto, e embora tenha vindo a reduzir, em termos comerciais mantém ainda um certo dinamismo pelo menos relativamente ao número populacional nestas áreas residentes.



Figuras 9,10, 11 e 12 Localização do edifício a intrevir.

Fonte: Google Earth

Fotografias do local a intrevir



Figura 13, Perspectiva do edifício, Galeria e restaurante (volume 1), Largo da Portagem, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro,2009.



Figuras 14 e 15, Perspectiva do edifício, Galeria e restaurante (volume 1), Largo da Portagem, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.



Figura 16, Edifício adjacente Oeste da Galeria e restaurante (volume 1), Largo da Portagem, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.



Figura 17, Envolvendo o edifício adjacente, Largo da Portagem, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro,2009.



Figura 18, Beco do Forno, Largo adjacente ao edifício de intervenção, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro,2009.



Figuras 19 e 20, Perspectiva do edifício, Galeria e restaurante (volume 1), Largo da Portagem, Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.

Figura , Rua lateral a Este em relação ao edifício de Intervenção. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.

Fotografias da Baixa de Coimbra - envolvente



Figuras 21 e 22, Largo da Portagem e vistas sobre o rio Mondego. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.



Figuras 23 e 24, As ruelas características da zona histórica de Coimbra. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.



Figura 25, Vista sobre o Hotel Astória e sobre o edifício a intervir. Fotografia de Maria Monteiro, 2009.

3.2. Evolução do Largo da Portagem



Figuras 26 e 27, Hotel Astória e Largo da Portagem, Fotos de Coimbra Antiga.

Fonte: www.skyscrapercity.com.



Figura 28, Rio Mondego, Fotos de Coimbra Antiga.

Fonte: www.skyscrapercity.com



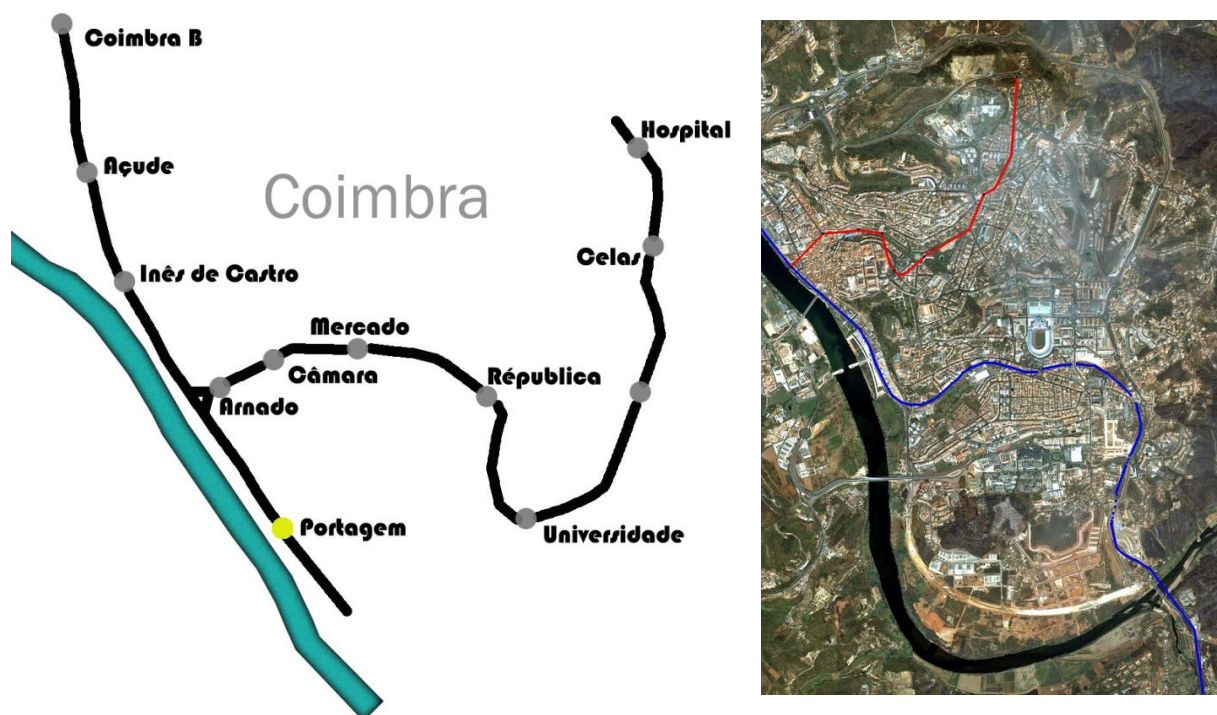
Figura 29, Avenida do Hotel Astória, Coimbra, 2005.



Figura 30, Portagem, Coimbra. Fotografia. Maria Monteiro, 2009.

Fonte: www.skyscrapercity.com

3.3. Desenvolvimento do metro de Coimbra – Regeneração urbana



Figuras 31 e 32, Percurso do Metro de Coimbra, Coimbra,2008.

Fonte: www.forumcoimbra.com

Para além da questão de sustentabilidade e melhor acessibilidade que o Metro de Coimbra vem proporcionar, é de salientar igualmente, o seu contributo para o desenvolvimento urbano e conseqüentemente arquitectónico. Transformações estas que promovem a modernização no centro da cidade.

Sendo a Baixa uma zona que se deve viver preferencialmente por meio da deslocação pedonal ou por meio de transportes públicos, já existentes, como por exemplo os mini autocarros ecológicos, apelidados de “Pantufinhas” e posteriormente o metro que se prevê estar em funcionamento em 2011.

O projecto em causa, assim como a área envolvente irá beneficiar destas políticas de transporte público, o que representa uma mais-valia para esta área urbana.

4. METODOLOGIA DO TRABALHO

O projecto é resultante do pensamento e onde razão, emoção e sentidos se entrecruzam na programação de um espaço de arte, em encontro com o homem, para além de um método gerador de renovadas metodologias de comunicação com a envolvente. Na resultante, uma manifestação de arte conjuntamente edificada, palpável, visível (na natureza com a natureza) a par da arte de saber relacionar, interagir, aprender e comunicar com a imprescindível diferença e inovação.

O pensamento foi-se tornando cada vez mais objectivo a partir das reflexões e debates com colegas e professores do curso, à medida que se iam desenvolvendo as ideias no papel (desenhos), onde livremente se transmitiam todos estes pensamentos arquitectónicos.

Todo este processo inicial, se foi complementando através de levantamentos fotográficos, inquéritos, observações e pesquisas realizadas permitindo a elaboração entre conceitos, regras, formas, materiais, tipologias e técnicas construtivas.

Ao tentar intervir num tempo específico com o objectivo de conseguir a tão desejada harmonia entre Passado e Futuro, foi numa primeira instância importante a análise das obras teóricas que relatassem as bases primordiais das obras arquitectónicas de Rem Koolhaas, Peter Zumthor, Toyo Ito, Tadao Ando, Gaudi, Frank Gehry, Siza Vieira e as suas propostas para um conjunto de recuperações de espaços históricos.

A primeira parte do trabalho consiste, como já foi referido na dissertação, numa selecção de material que contenha informações sobre as questões complementares que se vão abordar, investigar, e, posteriormente, relacionar com o projecto a ser elaborado, numa segunda fase e que são nomeadamente:

- Recuperação/Construção
- Passado/Futuro
- Passado/Futuro (histórico da cidade de Coimbra)
- Estética e/ou Funcionalismo
- Interior/Exterior
- Naturalismo/Racionalismo
- Contextualização/Descontextualização
- Estagnação/Desenvolvimento

- Ausência de Regras/Regulamento (PDM)

- Indivíduo/Espaço

Observações que servirão de complemento ao projecto a desenvolver-se, podendo este, por sua vez, sofrer eventuais modificações dos conceitos defendidos à luz da experiência feita.

Leituras, que, apenas nos torna mais consciente das causas e perspectivas, que levaram os arquitectos a pensar e a repensar as cidades e os edifícios que são património.

No que diz respeito às questões técnicas serão incluídas neste estudo, e segundo, uma questão profissional, qualquer edifício arquitectónico que se preze, deve provocar uma iniciativa e satisfazer as necessidades de conforto do indivíduo, pois a Arquitectura, como diria Rem Koolhaas, é muito mais que embelezamento de paisagens.

Ao longo da abordagem teórica do meu trabalho são focadas algumas **palavras-chave** que definem as grandes temáticas da actualidade:

1- Passado

Temos de afastar, em certa medida, a responsabilidade que temos com a história, para que o nosso trabalho não se feche.

2-Transformação

A arquitectura deve abandonar o narcisismo e a vaidade confortáveis que a protegem das realidades perigosas das transformações da história e, também, a especulação arquitectónica precisa concentrar-se pragmaticamente em “ descobrir (novos) potenciais em condições existentes”, em “organizar e encontrar uma articulação para as inevitáveis transformações e forças de modernização”.

“ Uma Arquitectura séria deve desejar ser perigosa.

Torna-se perigoso quando se renuncia a tudo o que é predeterminado.”⁴

⁴ KOOLHAAS, Rem – **Conversa com estudantes**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili,SA, 2002.

3- Construir

A arquitectura é geradora, contínua e propulsora para o futuro, pelos sonhos e aspirações, por despertares e realizações.

Defende-se uma análise do passado e respectivas qualidades em todos os aspectos para que se possam aplicar ou desenvolver e equilibrar através de um olhar no futuro, com a nova concepção arquitectónica, permitindo o desenvolvendo de outras novas qualidades igualmente necessárias ao próprio desenvolvimento do homem que a habita e a vive. Misturamos então nesta formulação, intencionalmente, dois planos de incidência arquitectónica, que vulgarmente se separam: a aceleração da mobilidade funcional (problema do futuro) e o desenraizamento em relação às culturas tradicionais (problema do passado). Este último desdobra-se ainda nos casos das tradições eruditas ou históricas, é caracterizado pela predominância das arquitecturas espontâneas ou populares.

5. CONCEITO

A proposta final apresenta-se como um compromisso entre um conceito-imagem singular e o programa proposto.

No campo conceptual da linguagem arquitectónica da proposta, pretende-se desencadear sensações no indivíduo como observador, e como utilizador. A exploração de volumetrias orgânicas, a forma como se desenvolvem os elementos construtivos, o modo como se joga com a luz, espaços e a ausência de uma geometria rígida foram resultado do processo criativo.

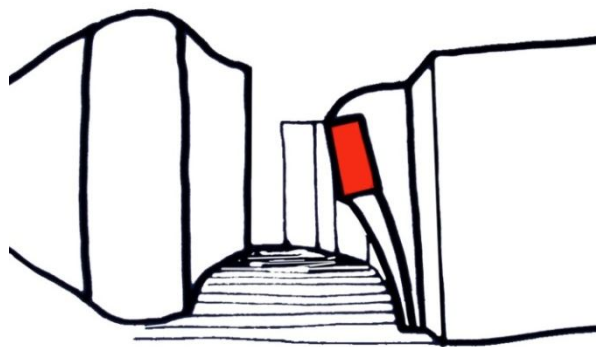
O conceito aplicado introduz uma nova realidade formal à envolvente, procurando despertar um interesse nas pessoas. O que se pretende vincar é o facto de o projecto funcionar como um ponto de partida de uma investigação na arquitectura contemporânea.

“A arquitectura só se realiza como arquitectura numa prática levada ao “limite”, instaurando novos conceitos formalizados, outras “regras””.⁵

A resistência física está condenada, enquanto há conceitos que ultrapassam e sobrevivem às obras. Esta ideia igualmente dos irmãos Aires Mateus interessou-me ao longo do desenvolvimento do projecto.

⁵ Mateus, Manuel Aires. Entrevista de Luís Santiago Baptista e Margarida Ventosa, Revista arq./a, Fevereiro 2007.

O projecto inicia-se na escolha do lugar. Parte-se de uma leitura da envolvente e da análise da sua arquitectura, tanto ao nível formal como programático, e ainda de um estudo da sua morfologia. Este último aspecto foi um ponto de partida para o projecto, onde se procurou manter a ideia de espaços urbanos que se intersectam, se fecham e abrem, criando ambientes sinuosos e de surpresa característicos desta área urbana, como já foi referido anteriormente na memória explicativa do projecto. Propôs-se então uma releitura do existente, um corte no tempo e um alargamento das vistas sobre o Rio Mondego e respectivas margens e numa perspectiva exterior ao edifício procurou-se encontrar um lugar de destaque, que o valorizasse, por se encontrar num campo de visão abrangente. Sem negar a sua envolvente nem se fechar à cidade, o objecto afirma-se, sobressaindo em direcção à margem do Rio que passa. Por sua vez, o grande óculo provém da leitura da envolvente como demonstram os esquemas apresentados nas figuras 20 e 21. Para além de funcionar como miradouro sobre o verde das margens do Rio e sobre todo o ambiente causado pelo próprio. Esta



concepção de miradouro, que se procura evidenciar, contrasta analogamente com os vãos existentes da envolvente e funciona como ponto de rotação de cores, movimentos e volumes que ali se vão cruzando e "alterando", modificando visualmente e gradualmente a paisagem.

Figura 33, Óculo do Volume 1. Esquízo de Maria Monteiro, 2009.

Por outro lado o óculo gera uma visão acelerada para a paisagem fresca característica da zona, numa relação de interior/exterior.

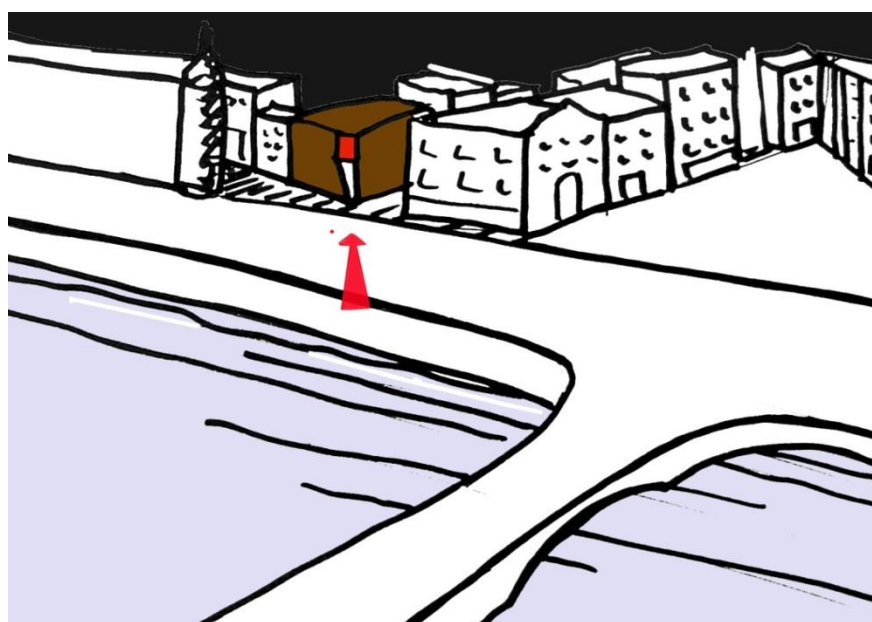


Figura 34, Vista da Ponte Santa Clara para o edifício, Volume 1. Esquízo de Maria Monteiro, 2009.

Trata-se de um corpo de geometria que contrasta com o sítio, coloca-se abrigado, mas assomando-se fortemente por entre dois pontos arquitectónicos relevantes da Baixa de Coimbra. Pretende romper, como se se quisesse desprender da parte “velha” do edificado, mas no fundo interliga-se harmoniosamente com o passado intrínseco da envolvente e procura ainda num só plano significativamente rasgado, a panorâmica, descobrindo o sítio e a essência do lugar – o rio, o parque verde com todas as suas actividades e eventos, que ali actualmente ocorrem com mais frequência, devido às novas iniciativas sociais, políticas e mesmo arquitectónicas. O projecto ambiciona inserir na malha da cidade um elemento uno, com uma plasticidade capaz de marcar um contraste notório com os edifícios adjacentes, envolvendo particularmente um deles, como se dele quisesse fazer parte, mas mantendo a sua personalidade.

A pesquisa, centrou-se bastante na “pele” do edifício que se baseia na procura de materiais que formem um todo e se adaptem a todas as situações de projecto. O material torna-se conceito e síntese da solução, onde a sua linguagem tem por referência a linguagem das linhas curvas e móveis de um ser vivo marinho. Portanto, a pele que interage com o meio e a população, pelo pormenor de textura e pela curiosidade que desperta quando “fecha” os espaços e os “abre” em pontos estratégicos do edifício, deixando visualizar certos momentos que se realizam no seu interior. Este aspecto estrutural da obra é destinado ao volume da galeria e café/bar. Enquanto, o volume destinado a espaços de leitura, informática, lazer e no segundo piso a uma sala de reuniões, se destaca da envolvente essencialmente pelo seu conceito que se desenvolve mais do interior para o exterior, a partir de um jogo de volumes simples que se intersectam entre si, com o objectivo de criar uma outra noção de ocupação de um espaço. Pretendeu-se que fosse diferente neste aspecto, relativamente ao volume destinado mais à galeria em si, para que se pudesse desenvolver sensações distintas. Com o intuito de se fazer destacar o corpo principal (galeria) do conjunto do projecto de intervenção, investiu-se mais num volume que embora de geometria não orgânica se desenvolvesse singularmente, a partir de uma linha mais ligada à envolvente próxima e sempre com a preocupação em manter os objectivos de modernidade do projecto, sem nunca esquecer igualmente o carácter térmico e funcional em todos os espaços e pormenores.

A partir dos esquemas representados nas figuras 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28, pretendo complementar a ideia de organização espacial e formal do projecto de intervenção.

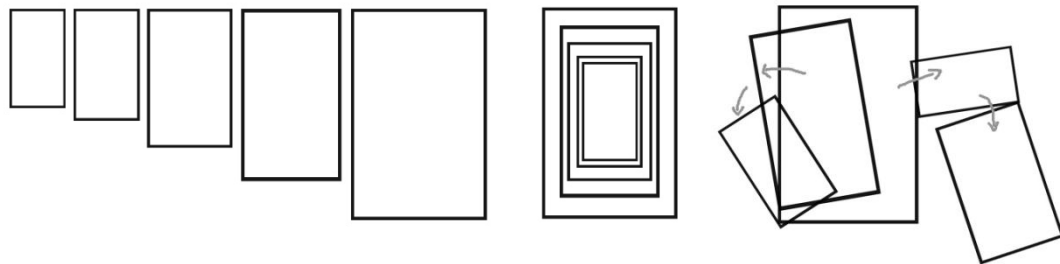


Figura 35, Esquema conceptual do r/c, Volume 2, Espaço de Leitura, Multimédia e de lazer. Esquício de Maria Monteiro, 2009.

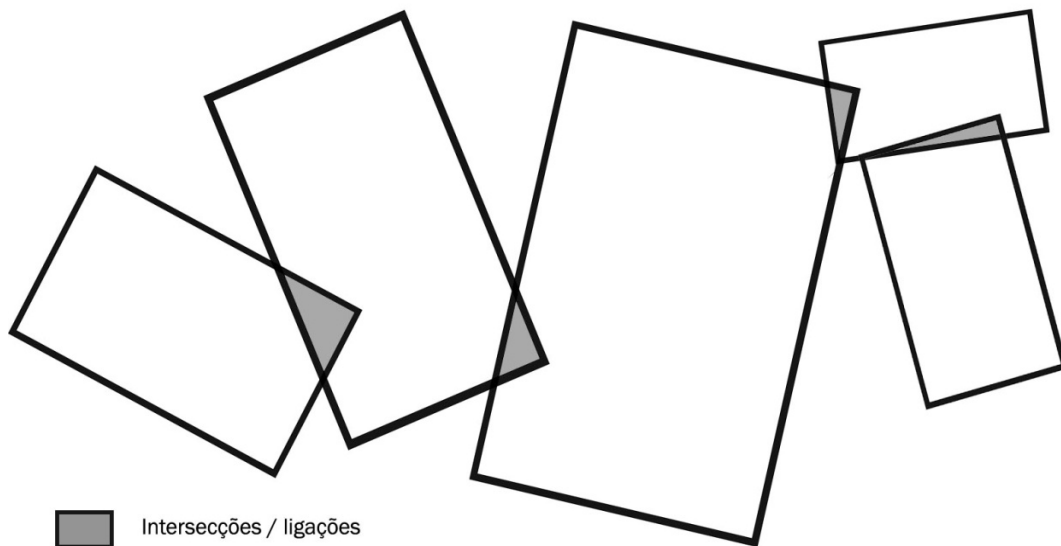


Figura 36, Esquema conceptual do r/c, Volume 2, Espaço de Leitura, Multimédia e de lazer. Esquício de Maria Monteiro, 2009.



Figura 37, Planta do r/c, Volume 2, Espaço de Leitura, Multimédia e de lazer. Esquício de Maria Monteiro, 2009.



Figura 38, Esquema do 1º piso, Volume 2, Sala de reuniões, escritório/gabinete. Esquiço de Maria Monteiro, 2009.

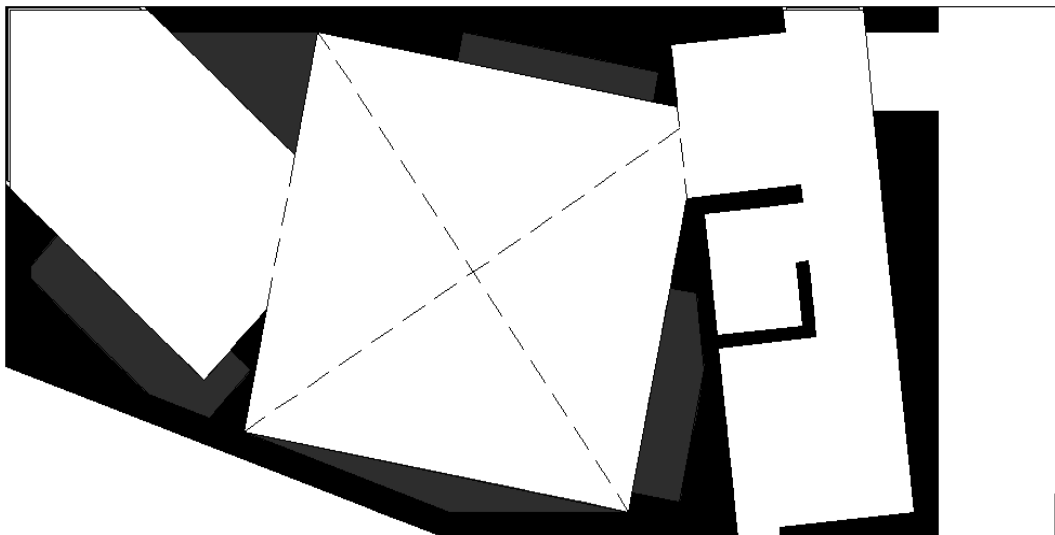


Figura 39, Planta do 1º piso, Volume 2, Sala de reuniões, escritório/gabinete. Esquiço de Maria Monteiro, 2009.

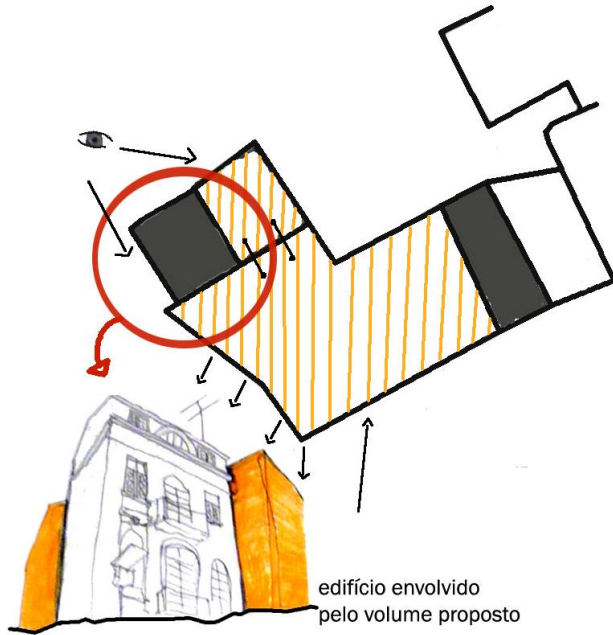
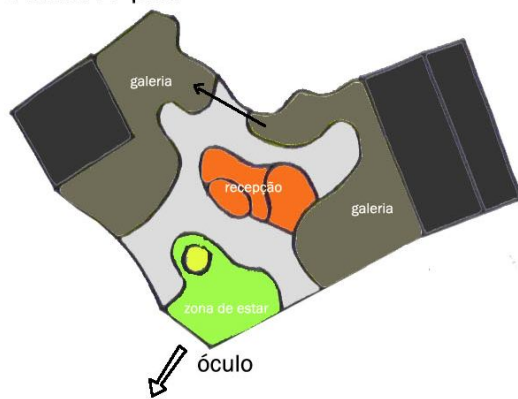


Figura 40, Interação com a envolvente, Volume 1. Esquízo de Maria Monteiro, 2009.

Planta 1º piso



Planta 2º piso

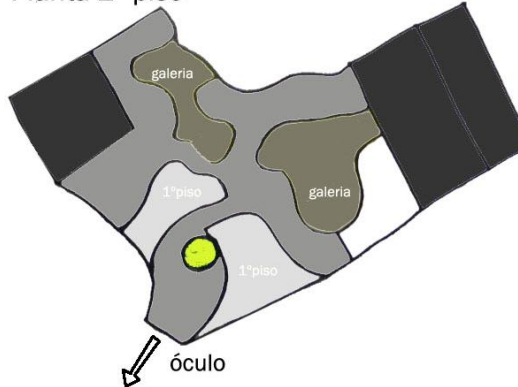


Figura 41, Plantas dos pisos 1 e 2, Volume 1, Galeria. Esquízo de Maria Monteiro, 2009.

Do rompimento surge então, uma galeria de arte, com uma nova organização dos espaços, representada pela conexão dos fluxos verticais e horizontais que definem todo o projecto a nível do interior e por vezes perceptível do seu exterior. Estes espaços internos pretendem captar a cidade de dentro para fora e vão-se descobrindo parcialmente do exterior para o interior.

As aberturas foram pensadas para efectivar a ideia de “bocas de cena”, onde o público passa a acção cénica. Portanto, a organização dos espaços e os jogos entre vidros translúcidos e opacos, procura diferentes contemplações do interior para o exterior e vice-versa. A estrutura em vidro reflector, para além de reflectir materialmente o reflexo característico da cidade de Coimbra sobre o rio, permite por outro lado o reflexo do outro volume que se interliga deste modo, com o volume da galeria e café/bar. Já por si, o volume complementar pretende se interligar com a natureza através de uma estrutura metálica que suporta plantas aéreas, com o objectivo de proporcionarem um ambiente agradável de ser vivido e apreciado.



Figura 42, Fachada del Museu del Muelle Branly, Jardines verticales, Paris, 2008.
Fonte: artelena.wordpress.com

Um outro aspecto que se teve em conta na elaboração do projecto, foi o facto da necessidade de sol na área de intervenção. O edifício foi concebido, de forma a não esquecer esta fonte de energia e iluminação, a cada passo dado na sua estrutura. O edifício desenvolve-se então, em torno da necessidade da orientação solar e captação de energia, embora depois funcione também através de um sistema geotérmico, retirando a energia armazenada no solo para equilíbrio da temperatura no interior do edifício, tanto no Inverno como no Verão.

6. PROGRAMA E FUNCIONALIDADE

Ao nível dos espaços, o edifício divide-se em dois volumes. O primeiro destina-se à galeria de arte ou eventos nos dois pisos superiores, e no r/c temos o café/bar, com respectivos serviços de apoio. Designado por segundo volume, temos um edifício de dois pisos, contínuo ao café/bar e destina-se a uma área mais reservada, para leitura e pequenos espaços de estar e multimédia. Todos eles distribuídos como um único espaço aberto e comunicável entre si, também com as respectivas instalações sanitárias e sempre com preocupações ao nível dos utentes de mobilidade condicionada. Depois, para o piso superior e individual, o acesso é feito pelo exterior por uma escada, que por sua vez, surge de entre os edifícios, o já existente e o actual volume. Este facto, permite de forma natural, que se torne em num acesso protegido de ventos e chuva no Inverno. Por sua vez, é um elemento associado ao movimento das pessoas que se pretende empreender ao longo de toda a intervenção interior e exterior, como propaganda da ideia para futuros espaços recreativos ao longo das ruelas da baixa de Coimbra. A área do 2º piso, pode ser considerada uma sala polivalente, albergando um espaço interior, também ele todo aberto, e de destinos relacionados a um escritório, sala de reuniões de apoio à galeria ou ainda pode dar lugar a um gabinete privado.

Junto à entrada principal do volume 1, a qual é desenhada como uma ante-câmara, temos a zona de atendimento que se repete numa linha vertical imaginária ao longo dos três pisos. Esta entrada está ainda voltada para as ruas envolventes, de forma a otimizar a vigilância natural.

Após a entrada, temos o balcão e as escadas que separam as duas áreas distintas, mas complementares da esplanada do café e o pequeno espaço de concertos (lado esquerdo) da dos serviços - cozinha e instalações sanitárias (lado direito). Estes acessos verticais (elevador e escadas) dão acesso ao piso superior. Já no 1º piso, encontramos a recepção e os espaços onde são expostas as obras de arte. Deparamo-nos logo com um duplo pé direito delineado pela plataforma do 2º piso, pelo volume do concerto que até aqui se prolonga e pelo acesso do 2º piso que se une ao vão que se abre para a Cidade e o Rio Mondego e respectivas margens (Parque Verde). Os espaços de exposição são formas orgânicas que permitem um fechar e abrir de espaços, convertendo-os em momentos de reflexão e circulação respectivamente. Neste piso, temos ainda a definir o percurso de acesso ao piso superior, uma escada/rampa com uma forte presença espacial, de onde se pode continuar a vislumbrar todo o conjunto edificado e ir captando a informação acerca da exposição a decorrer no momento, que se encontrará também nas paredes exteriores das caixas. A acompanhar este percurso temos a penetração da luz, que define ângulos e direcções e a própria percepção natural dos diferentes espaços.

A área do elevador é uma caixa de estrutura metálica, reflectindo os jogos de luz/sombra que a definem e leva os seus visitantes aos três pisos do edifício.

Para o 2º piso, temos a continuação da galeria, onde encontramos a mesma ideia de percurso bem definido por duas caixas que se fecham e abrem conforme as vistas que se pretendem apresentar ao indivíduo. Aqui as áreas de exposição recebem luz natural mas indirecta, através de duas clarabóias devidamente posicionadas para o conforto visual do observador.

Já no exterior, e na relação dos dois volumes que se “desprendem” temos um estreito espaço exterior na continuação do beco adjacente ao edifício de intervenção (Beco dos Fornos). Esta situação vai ter inúmeras vantagens de ventilação, entrada de luz natural e por outro lado uma relação de continuidade das ruelas/pracetas típicas da Cidade. Ambos os volumes se encontram assentes ao mesmo nível e embora se distingam formalmente e espacialmente, seguem a linha de modernidade pretendida.

O volume dois é de dimensões mais pequenas e acrescenta vitalidade aos pequenos largos onde se cruzam os tão chamados becos da baixa de Coimbra. Aqui se pretende dar um novo impulso à sensação de se estar lá fora mas cá dentro, através do prolongamento da calçada portuguesa para este pequeno pátio e ainda, para a área inicial do espaço de leitura dentro do volume construído. O que se pretende é não deixar morrer as praças, ruas, becos constituintes da baixa, tornando-se em “cenários naturais” das actividades desenvolvidas nos edifícios e fora deles.

É de salientar também, que ao longo da Rua da Sota serão implantadas árvores de folha caduca, para sombreamento no Verão e, no Inverno, quando as folhas caem, permitirem a passagem da luz natural para o interior do edifício. A iluminação é portanto levada para o seu interior por meio de envidraçados, clarabóias e canais por onde circula a luz.

De forma vincadamente contemporânea elaborou-se uma relação com a envolvente através do óculo (ecrã) e da estrutura metálica e transparente (vidro) que o suporta. Este espaço torna-se na frente do edifício pelo marcante ângulo visual em que se transforma, surgindo do objectivo de dar importância ao gaveto mais exposto ao sol e que dispõe de maior percepção visual desde a envolvente, com o intuito de o fazer singularizar-se em relação ao restante edificado, pela importância funcional e atractiva que se pretende que venha a ter.

7. ASPECTOS FORMAIS E ESTÉTICOS

Forma e função vão surgindo conjuntamente, caminhando juntos sem esquecer o factor estético, o conforto visual, térmico, acústico e de mobilidade. Os espaços organizam os percursos sinuosos e orgânicos que constituem a área da galeria. São facilmente perceptíveis e orientam objectivamente as pessoas no espaço interior.

Para o tão desejado conforto teve-se em atenção o aproveitamento correcto (orientação, radiação solar e insolação) da iluminação natural dos edifícios, em alturas de calor. Durante o Inverno valorizou-se a energia geotérmica (artificial). Por outro lado, ao longo das fachadas temos o privilégio de ir apreciando o ambiente exterior, que contribui em certa medida para um certo bem-estar dos ocupantes, traduzido na equação “comportamento = função (pessoa, meio)”. A sua noção no campo psicológico, traduz o conjunto das variáveis na forma como influência propositadamente na acção de uma pessoa.

O utente é encaminhado para os espaços principais, através do jogo de luz proporcionado pela “pele” metálica da fachada, que se abre em pontos estrategicamente pensados. A luz e a sombra modelam os volumes e colocam o utente numa relação com esse espaço, criado para ele.

“A sensibilidade a um estímulo depende do limiar de detecção – energia mínima do estímulo necessário para produzir uma sensação: a luz mais fraca que é possível ver, o som mais baixo que é possível ouvir, etc.”⁶

É de salientar que a luz tem importantes efeitos psicológicos. Tendemos a sentirmo-nos tristes/alegres, activos/passivos, enérgicos/melancólicos etc. Daí a importância da sua aplicação exacta e correctamente posicionada. A partir daqui e a partir de estudos feitos, foram introduzidas aberturas na cobertura virada a Norte, de modo a que a luz seja constante, prolongando-se depois no interior da exposição, sendo suavemente arredondadas através do tecto falso como se se tratasse de círculos mágicos a iluminar o interior.

A forma por sua vez, engloba três elementos inter-relacionados: a massa (sólido, objecto tridimensional), o espaço (o vazio, o oco, interior e exterior) e a superfície (plano) do edifício e da cidade.

⁶ Muga, Henrique. Livro Psicologia da Arquitectura, 2005.

Por sua vez, o ambiente estudado e reflectido no edificio contém uma dimensão física e uma dimensão social: o ambiente físico engloba, propriedades ambientais – luz, cor, som, temperatura, odor, etc. e, por outro, coisas – objectos; o ambiente social agrupa as diversas funções do projecto, as estruturas (grupos e classes sociais) e relações sociais, e os padrões culturais e simbólicos em que a forma participa. É o conjunto de todos estes elementos e as suas inter-relações, que constitui o ambiente arquitectónico. É sem dúvida, o ambiente construído, formado pelo arquitecto e pelo homem, ou a forma que a arquitectura cria no ambiente físico-social, que nos interessa aqui. Toda a imagem da cidade acaba por se modificar fosse qual fosse a intervenção no edificio actual, pois resulta de uma relação do edificio e envolvente e vice-versa. Qualquer projecto realizado naquele local mudaria a percepção do conjunto da imagem construída da baixa e alta de Coimbra.

Os volumes ora são opacos, translúcidos, transparentes; fechadas, abertas, isolam-se, “flutuam” e “agarram-se” conforme o que é pretendido para cada função ou do que se quer transmitir ao indivíduo que o circula.

O volume mais pequeno, com vãos propositadamente aplicados para entrada de luz e relação com o exterior e que rasgam uma rede metálica aplicada ao longo da fachada Oeste. Esta rede vai servir como suporte a uma “cortina verde” de plantas aéreas. A cobertura deste mesmo volume é formada por ângulos acentuados que definem uns espaços mais baixos (acolhedores), outros mais altos, que se abrem à envolvente. Formam por outro lado um espaço dinâmico e perceptível do exterior como se de um animal vivo ali se encontra-se e se quisesse manifestar. Esta ideia advém da irregularidade das coberturas de toda a envolvente, que caracterizam uma vez mais o centro da cidade.

Em jeito de conclusão, as suas formas, as suas cores, os seus materiais, pretendem criar uma linguagem compreensível e permitem uma utilização dinâmica, suficientemente polivalente para poder adaptar-se a diferentes indivíduos, em constante devir histórico e acabar com a massificação de edificios hostis, antipáticos onde os seus habitantes/visitantes são cientificamente distribuídos para não se relacionarem. É urgente o conceito de uma urbatectura que, pela reintegração do edificio consigo próprio, com a sua cidade e a natureza, recrie o “paraíso” na Terra. É essa a máxima que deveria fazer parte de todo o projecto arquitectónico segundo Henrique Muga, autor do livro *Psicologia da Arquitectura* e que certamente levará ao reencontro do Homem consigo mesmo, com o seu passado e o seu futuro, à sua reintegração com o tempo e com o ambiente.

8. QUESTÕES TÉCNICAS E CONSTRUTIVAS

A estrutura do edifício principal da galeria será em betão armado, moldado *in situ*, com isolamento térmico, na face exterior do betão, optando-se pelo poliuretano projectado devido à “irregularidade” formal das paredes. As paredes exteriores do betão têm uma espessura de 25cm, que adicionados 5cm de isolamento térmico perfaz um total de 30cm. Este volume é ainda envolvido por uma pele, constituída por painéis de cobre, fixos às paredes de betão por uma estrutura metálica de suporte com um tratamento de anti-oxidação. A opção por esta fachada ventilada prende-se não só com questões estéticas mas também com questões técnicas, pela maior facilidade de aplicação e manutenção desta pele. Esta pele exterior é apenas interrompida quando há necessidade de abrir vãos para o interior, preenchidos com painéis de vidro, com a mesma forma das peças metálicas.

A densidade material do cobre destaca o edifício na sua envolvente, que se transforma na cor e no tacto dia após dia.

A fachada Norte do volume da galeria, é constituída por uma parede de vidro, que durante o dia é reflector, funcionando como um plano de charneira entre o próprio edifício e a envolvente. Quando a luz é mais intensa no interior, o vidro torna-se transparente permitindo uma relação visual exterior-interior, revelando espaços, ambientes e movimentos da estrutura orgânica do edifício. Esta parede com um desenho ondulado, é suportada por uma estrutura metálica, composta por pilares em aço inoxidável e um “sistema de aranha”. A execução real desta fachada em vidro assim como a pele que envolve o edifício iria exigir um estudo particular, feito com técnicos especializados, devido à complexidade e singularidade das peças que constituem as fachadas.

A nível do controlo térmico no interior dos edifícios, recorreu-se à utilização de uma bomba de calor geotérmico que permite aquecer e arrefecer os espaços sem recorrer aos habituais aparelhos de ar condicionado, preservando por isso o ambiente e a saúde de quem neles trabalha. Este sistema, ao contrário das caldeiras convencionais, permite aproveitar o calor do interior da terra, actuando como máquinas de transferência de calor. No Inverno, absorvem o calor da terra e levam-no para o interior do edifício. No Verão, funcionam como o ar condicionado, retirando o calor do edifício para refrigerá-lo, no solo. Conseguem-se, sem grandes custos aproveitar o calor da terra que está sob o pátio. Não foram considerados os colectores solares térmicos, porque o seu investimento era demasiado dispendioso, dado que o edifício não necessita de aquecimento de águas.

No rés-do-chão onde se encontra o café/bar com um pequeno espaço para música ao vivo foi tida a preocupação de escolher materiais que ajudam a absorção sonora, para melhorar o comportamento acústico neste piso evitando a propagação sonora aos pisos superiores, bem como aos edifícios contíguos.

Excluindo as zonas técnicas, cozinha e instalações sanitárias, o material escolhido para o pavimento de todos os andares foi a madeira maciça de carvalho envernizado. Na cozinha as paredes são rebocadas a cor branca revestidas com painéis acrílicos aparafusados na própria parede e o piso num material cerâmico de fácil limpeza.

Nas instalações sanitárias as paredes e os pavimentos são em pedra travertino (fig.43). No primeiro e segundo piso da galeria as paredes interiores são feitas em betão armado revestidas a gesso projectado de cor branca, com uma espessura variável de 15 a 30cm. No espaço destinado ao audiovisual o piso é em linóleo autonivelante de cor preta. Ainda neste espaço existe uma parede divisória de madeira perfurada também ela preta, com o objectivo de melhorar o comportamento acústico deste espaço.

O espaço que liga a galeria ao óculo que atravessa o duplo pé direito é ladeado por uma estrutura exterior em vidro translúcido em tons branco, que deixa transparecer uma interior de cor vermelha, em pvc, criando um ambiente distinto dos outros espaços, realçando a singularidade deste percurso em direcção ao óculo. As guardas na zona do duplo pé direito são em acrílico translúcido.

Optou-se ainda por um elevador hidráulico panorâmico com uma capacidade máxima de 6 pessoas. As escadas, parte integrante do percurso da galeria, são também elas revestidas a madeira num tom mais claro que o restante pavimento.

Já no Volume 2, correspondente à sala de leitura no primeiro piso e à sala polivalente no segundo piso, é exteriormente composto por paredes e cobertura de alvenaria isolante com uma estrutura em betão armado pintado a cor branca. A fachada Oeste com uma forma côncava tem uma estrutura metálica onde existirão plantas trepadeiras, que durante a noite, com a luz vinda do interior a reflectir no verde, permite moldar tonalidades e criar ambientes acolhedores nas “ruelas” de calçada à portuguesa.

As fachadas são ainda interrompidas pelos vãos sem caixilharia aparente. Tanto no r/c como no primeiro piso o pavimento é em madeira de carvalho envernizado, variando entre um tom mais escuro e mais claro, aplicados segundo o conceito adoptado no projecto e como mostram as plantas. Para as instalações sanitárias optou-se pela ardósia no pavimento e na parede.

Os sistemas de iluminação e ventilação encontram-se entre os tectos falsos em gesso cartonado, e as lajes.

No pátio exterior, que se encontra entre os dois volumes do projecto procurou-se prolongar a calçada à portuguesa, característica da cidade, e nas escadas que dão acesso à sala polivalente será aplicado calcário branco com um tratamento antiderrapante. Para sombreamento, como já foi mencionado, foram aplicadas árvores de folha caduca, que transmitem também um ambiente mais natural e acolhedor ao espaço.

Tudo o que é omissa nesta memória, quanto ao dimensionamento e redes, será necessariamente executado, respeitando as normas e legislação aplicável em vigor á data da sua redacção e respeitando os projectos das respectivas especialidades: projecto de estabilidade, projecto de abastecimento predial de água, projecto de drenagem predial de águas residuais (domésticas e pluviais), verificação do comportamento térmico (RCCTE), verificação geral do ruído.



Figura 43, Textura da pedra ardósia.
Fonte: www.brilhantels.com.

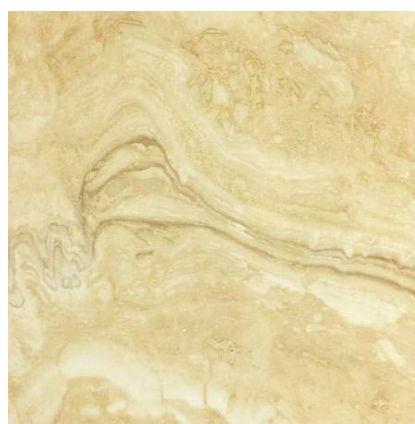


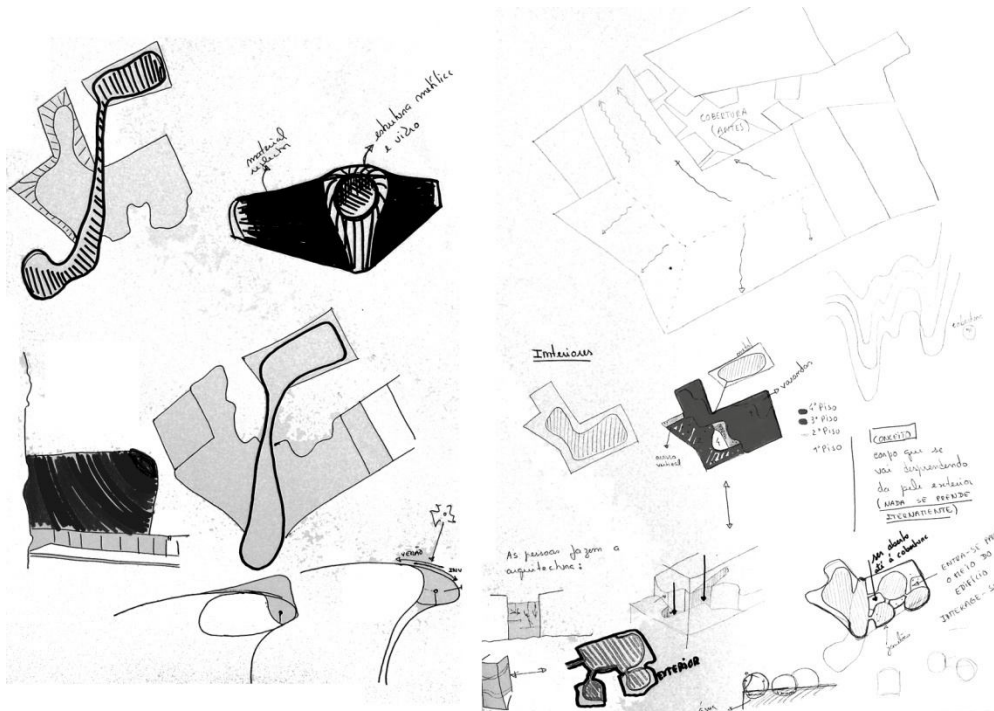
Figura 44, Textura da pedra travertino.
Fonte: www.stone-network.com.



Figura 45, Textura do calcário.
Fonte: www.marmoressm.com.

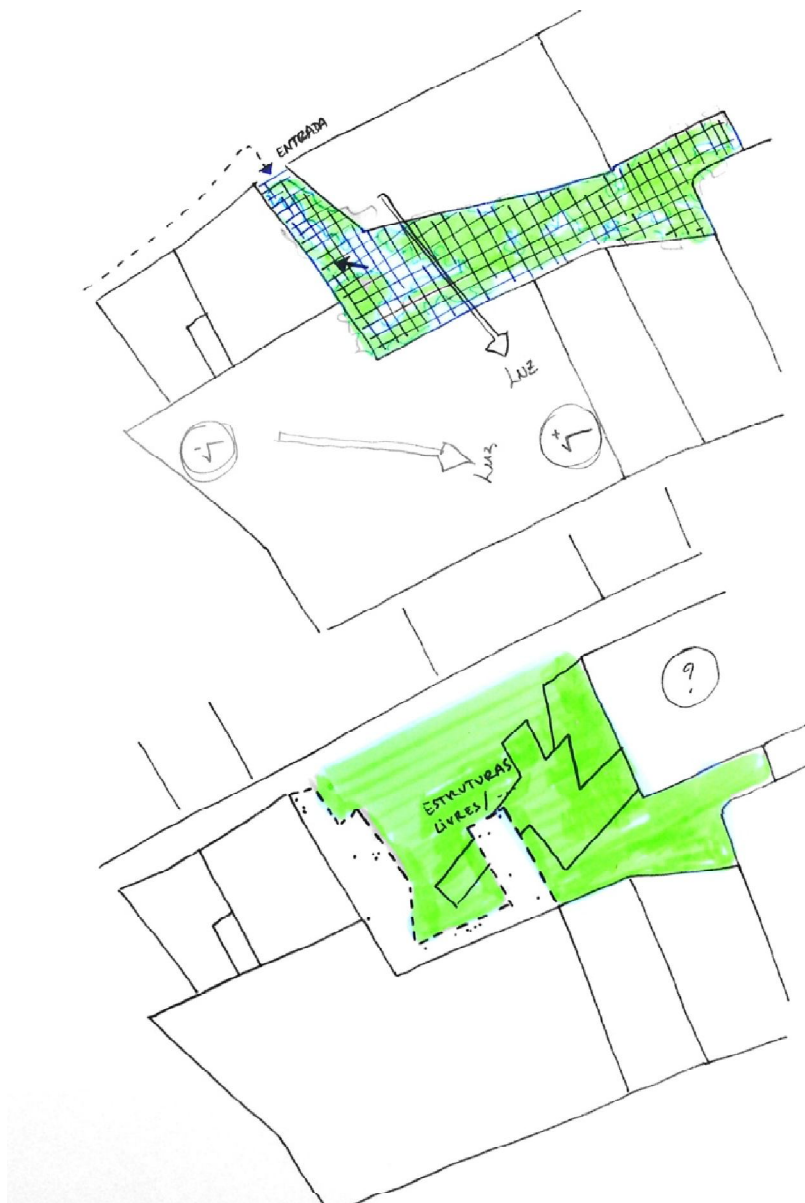
1- Esquissos: introdução ao desenvolvimento do projecto

- Evolução Organizacional dos espaços constituintes
- Desenvolvimento das ideias e do conceito
- Esquemas de circulação
- Esquemas de iluminação natural
- Esquemas do funcionamento acústico
- Esquemas de acessos
- Estudos da forma
- Estudos volumétricos
- Análises da envolvente
- Relações de interior e exterior e vice-versa



“O momento da verdade chega quando tens de te confrontar contigo próprio e desenhar a primeira linda. Chegas a um ponto que tens de decidir, seguir uma direcção, surgindo, então, a forma do edifício.”

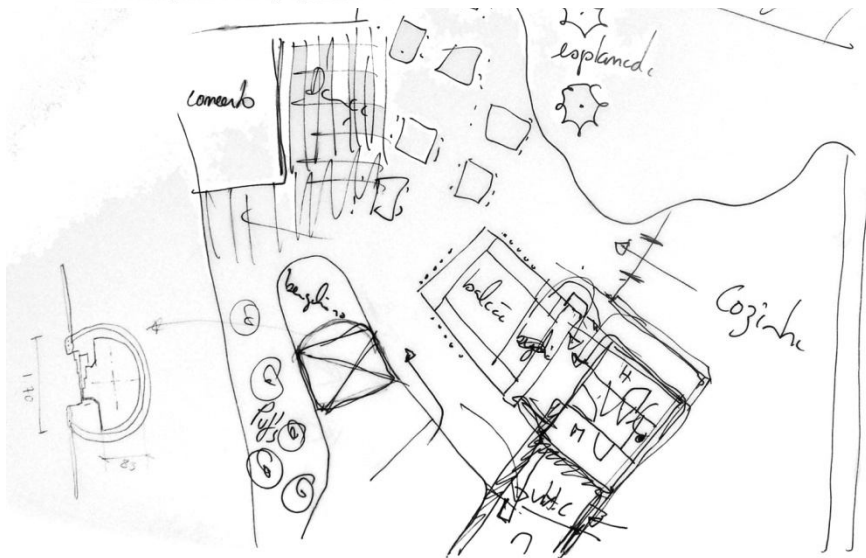
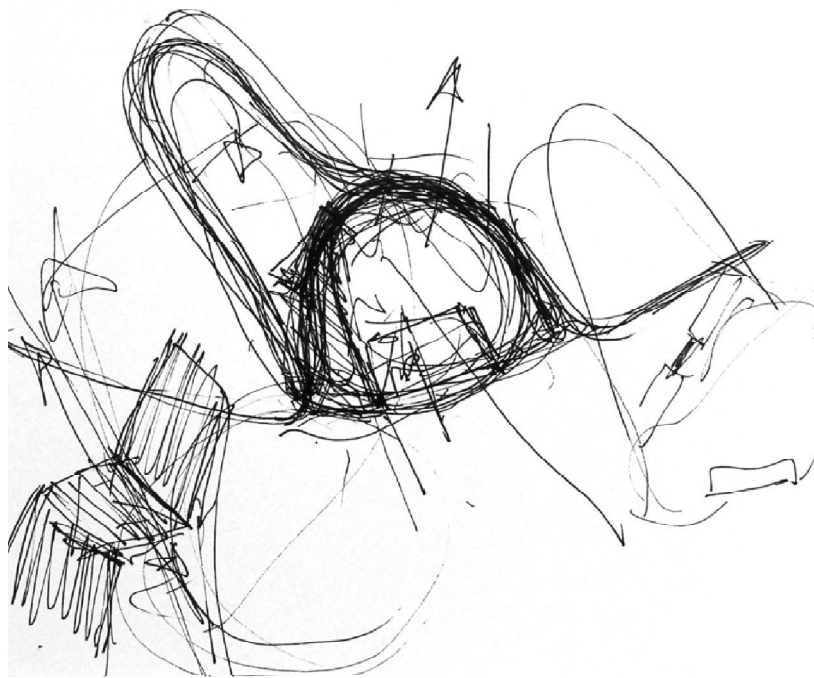
Frank Gehry. Entrevista.

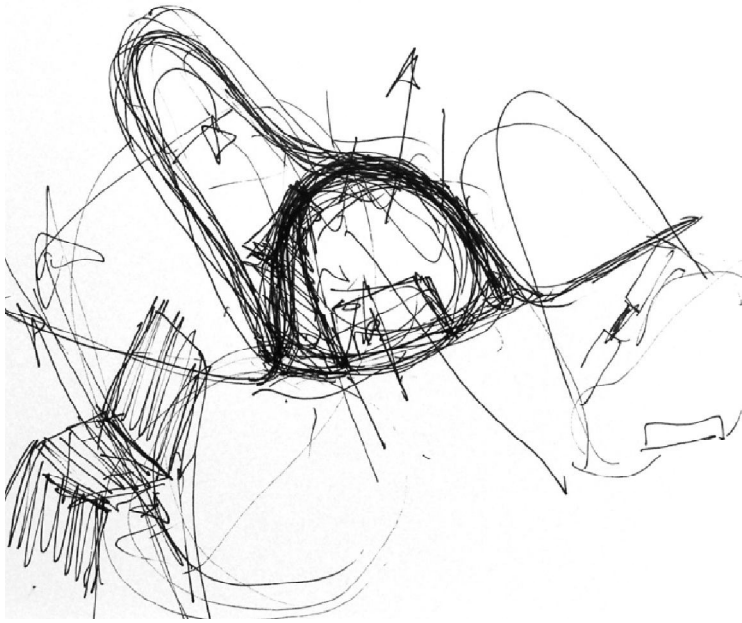
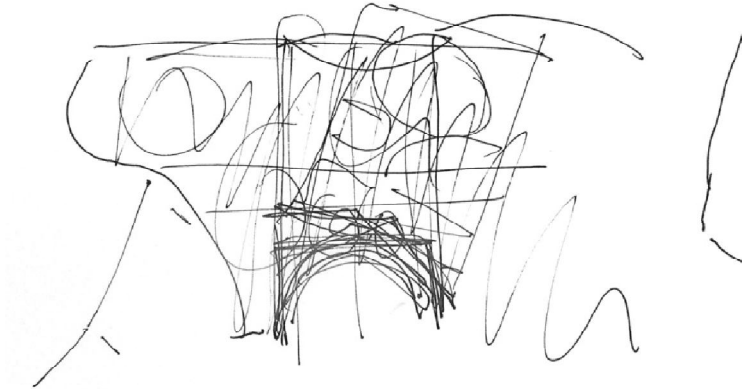


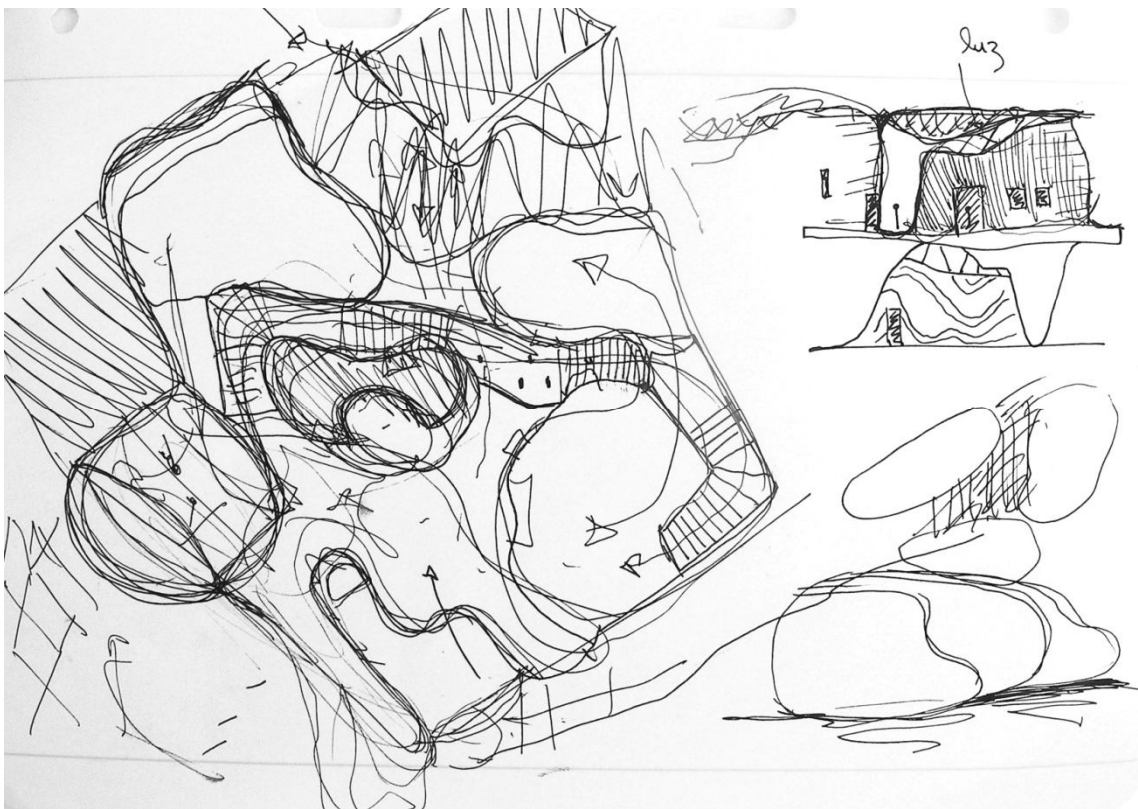
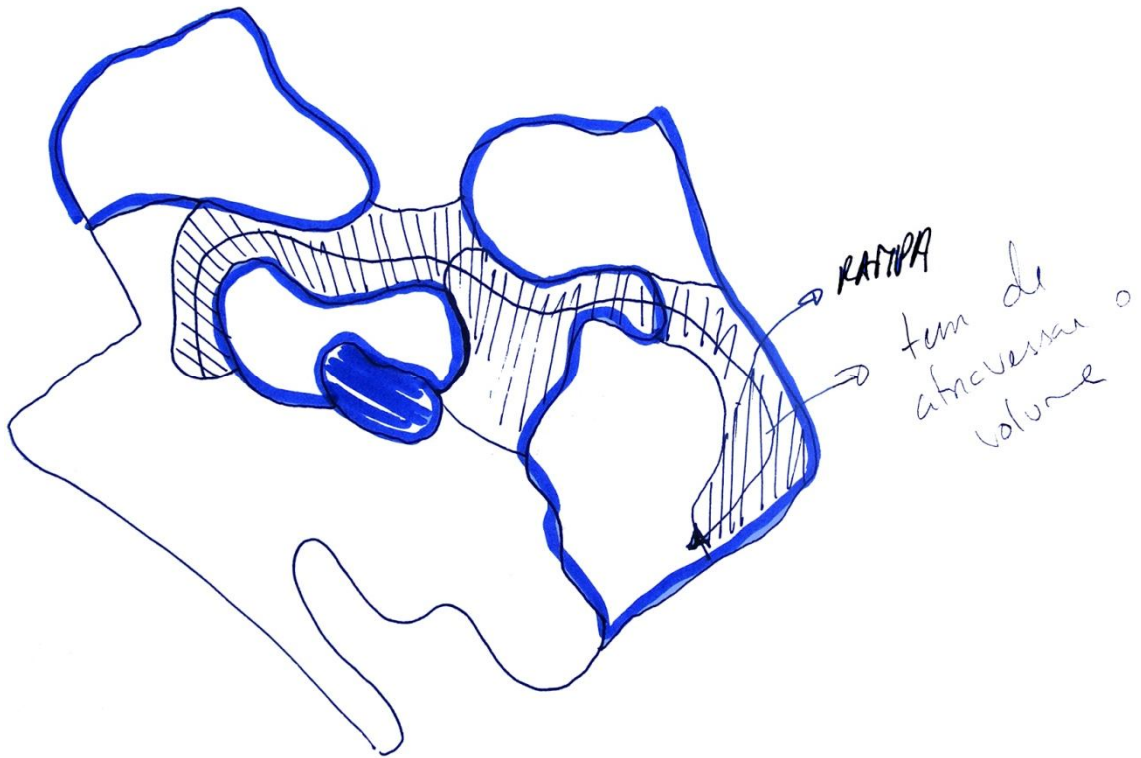
“Os espaços mais pequenos produzem ambientes mais íntimos, os mais amplos introduzem o carácter de convívio, os mezaninos confluem espaços distintos e fazem-nos comunicar formando assim um terceiro espaço virtual, mescla dos dois que o constituem. As escadas são desenhadas conforme o carácter mais ou menos íntimo que têm, assumindo sempre o papel de espaço transitório e de preparação entre os que serve.”

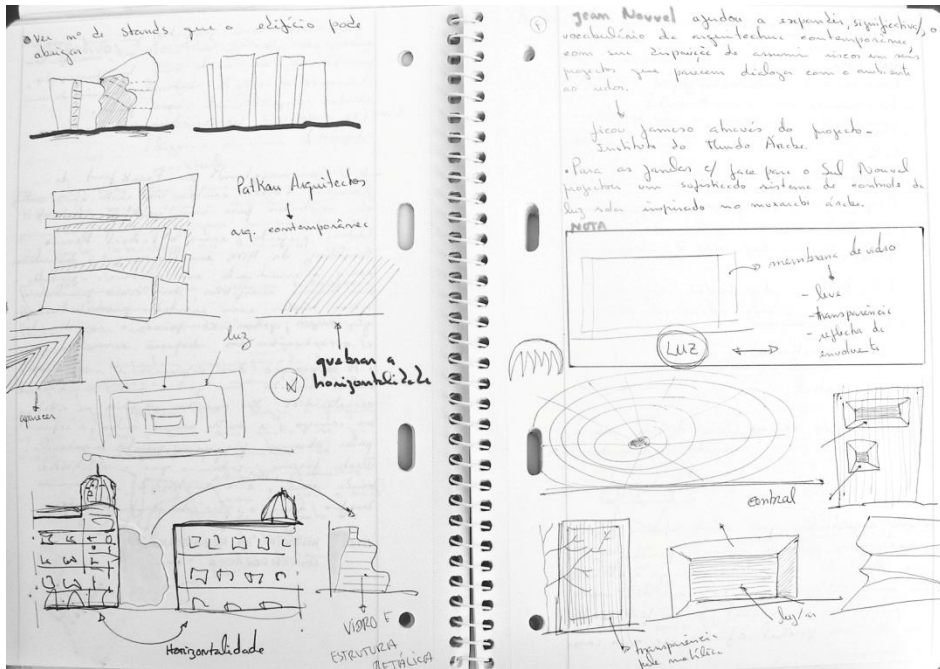
Henrique Muga

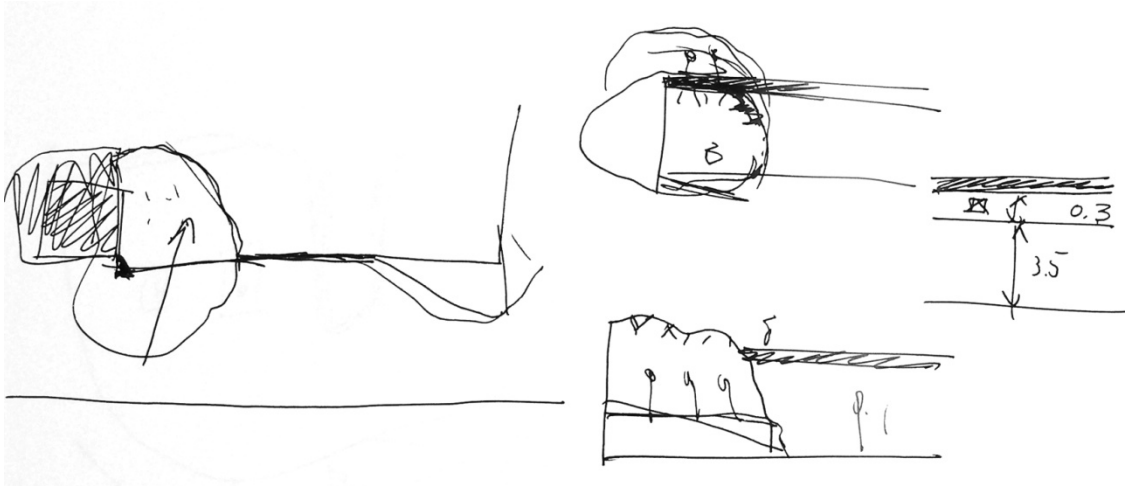
Autor do Livro: Psicologia da Arquitectura.

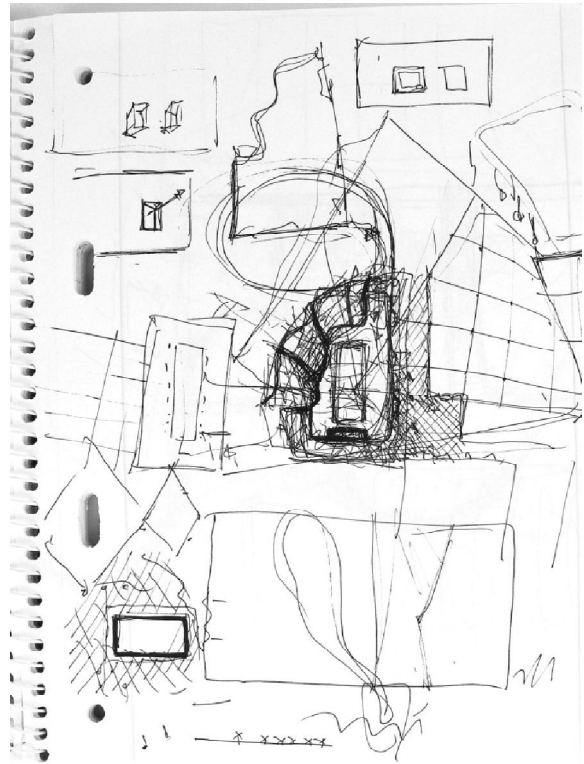
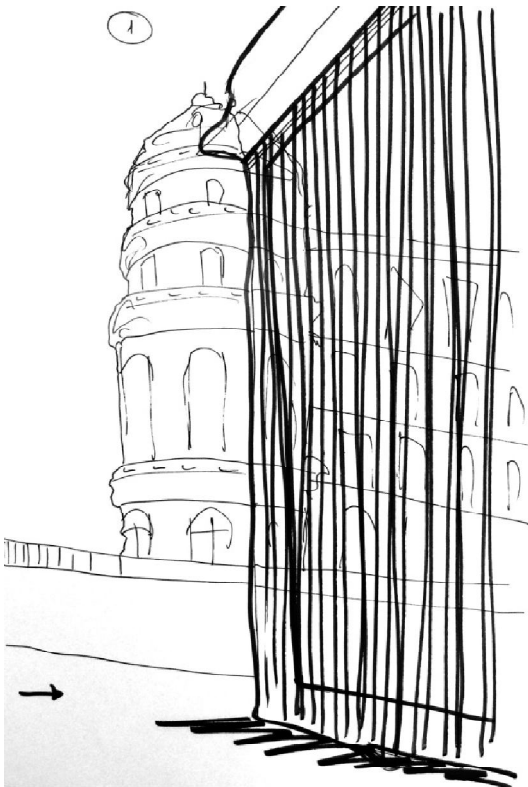


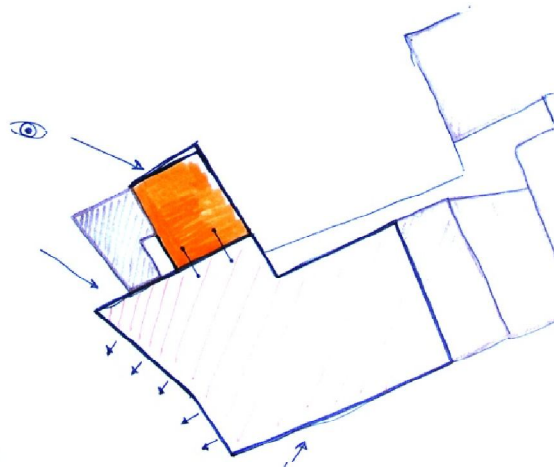
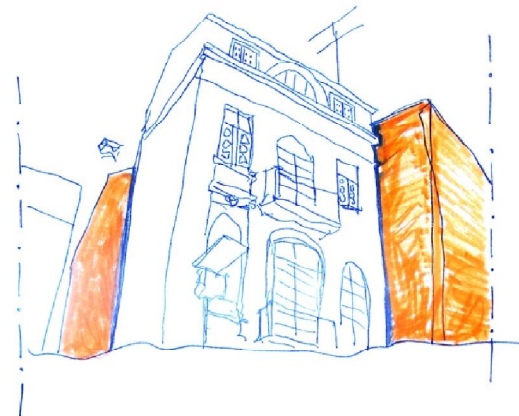
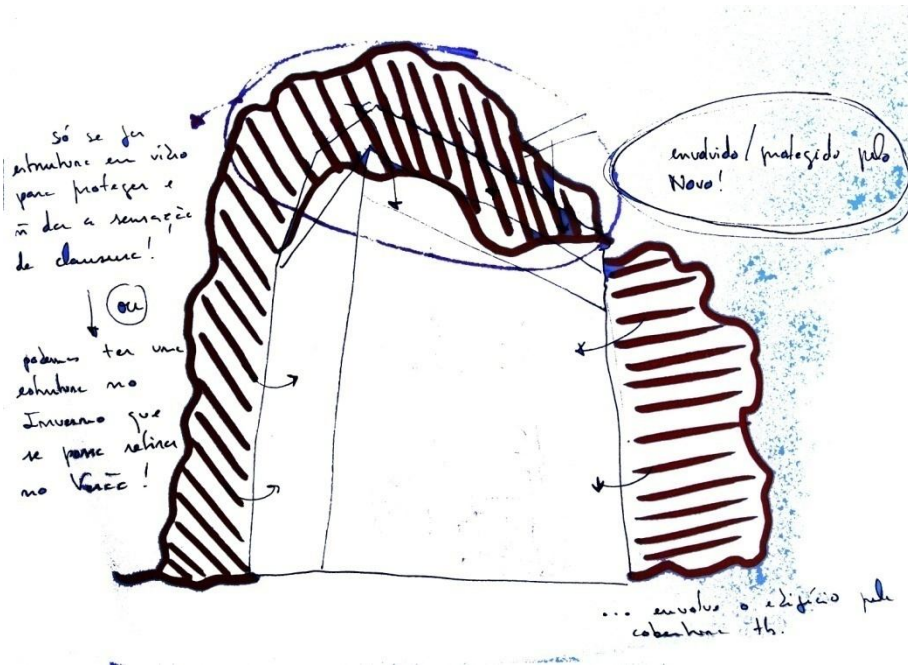


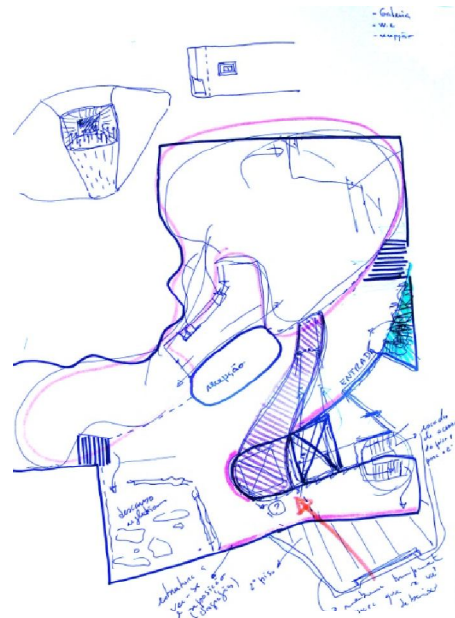
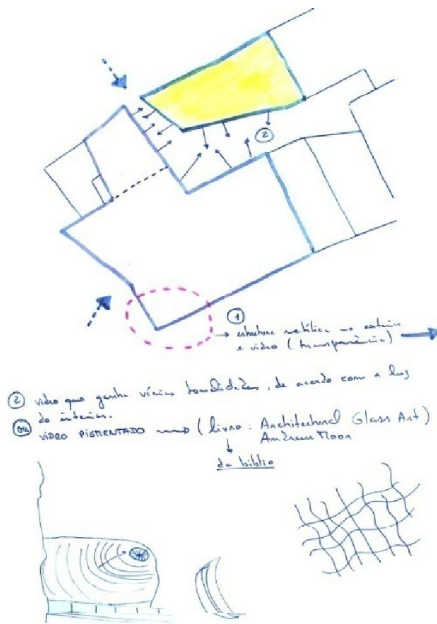
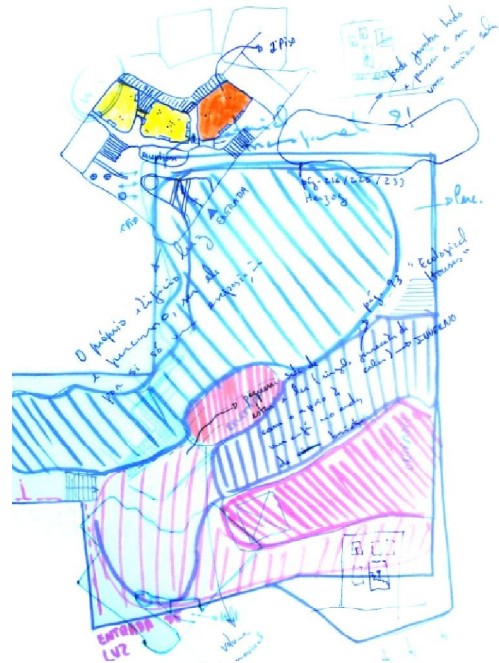
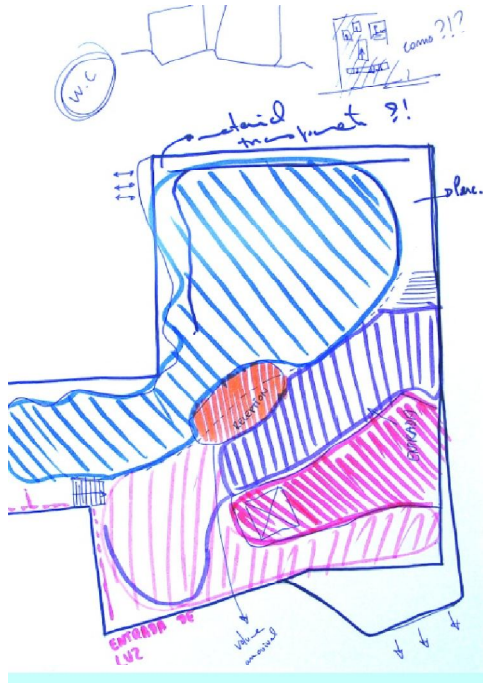






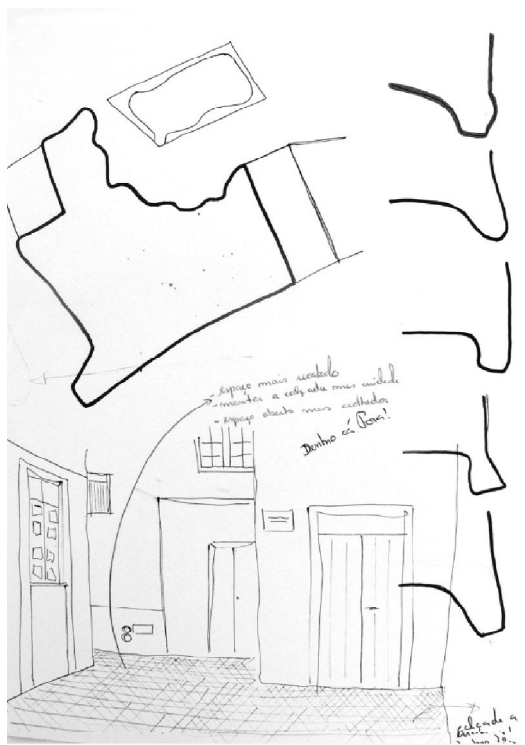
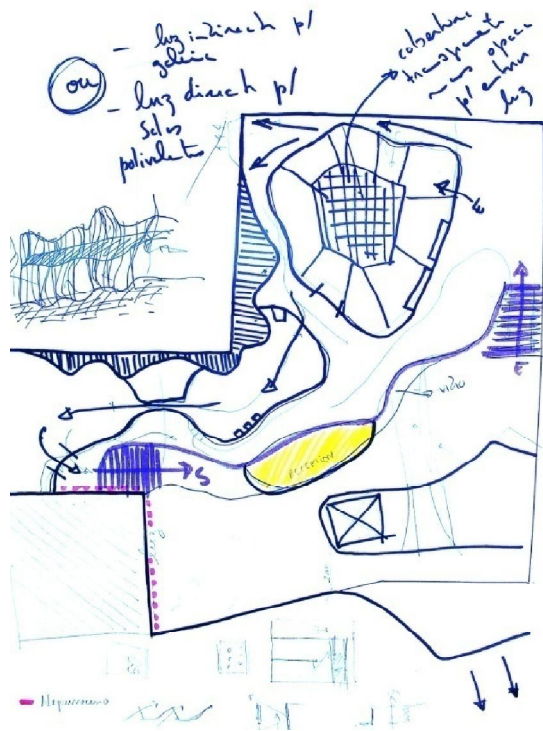


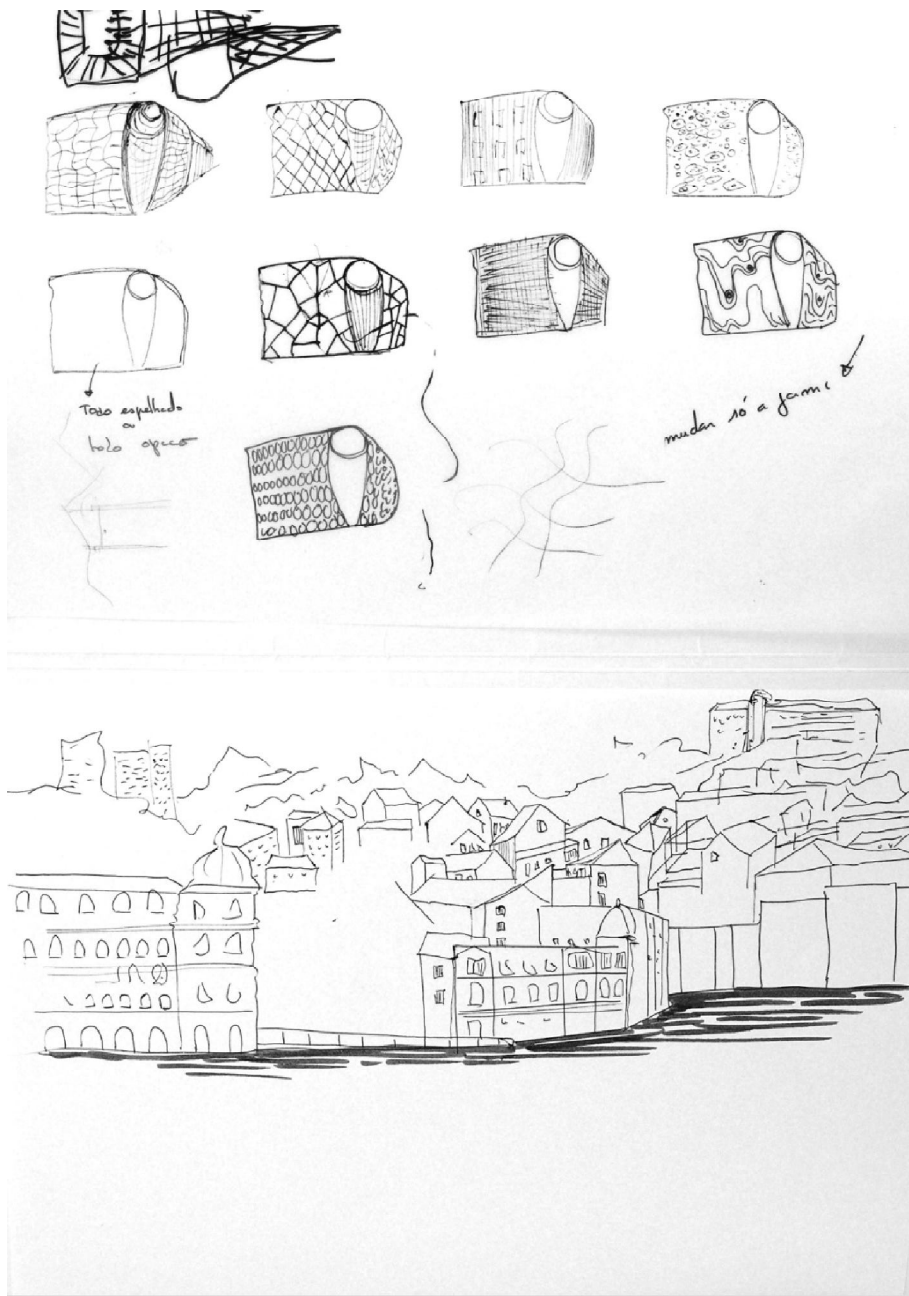




“O momento da verdade chega quando tens de te confrontar contigo próprio e desenhar a primeira linda. Chegas a um ponto que tens de decidir, seguir uma direcção, surgindo, então, a forma do edifício.”

Frank Gehry. Entrevista.





“ O desenho é a primeira construção da arquitectura. Quando desenha, o arquitecto está já a construir (atribuindo à palavra o sentido mais directo, imediato e quotidiano) a sua arquitectura.”

J. A. Cortés e J. R. Moneo. Comentários sobre dibujos de 20 arquitectos actuales, 1976.

